

Turismo e meio ambiente: uma relação dialética

Eliane Regina Ferretti (Doutora)

Curso de Turismo - Universidade Tuiuti do Paraná

Curso de Geografia com ênfase em Geoprocessamento - Universidade Tuiuti do Paraná

Érika Gisele Lotz (Mestre)

Curso de Administração - Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Turismo e meio ambiente são “setores” que se inter-relacionam e contemplam vários enfoques, o que estimula o estudo e o entendimento destas inter-relações. Para estes estudos e entendimentos, a abordagem sistêmica subsidiará um melhor aprofundamento destas inter-relações. Este artigo tem como objetivo, enfatizar a visão sistêmica tanto para o turismo como para o meio ambiente e, também, enfocando a relação dialética entre ambos. A partir do enfoque sistêmico, a relação dialética entre turismo e meio ambiente é identificada. Nesta relação, os elementos do ambiente e do turismo são interdependentes, transformam-se, são contraditórios e produzem conseqüências, tanto positivas quanto negativas. O turismo e meio ambiente são considerados como sistemas abertos, por possuírem intercâmbios internos e entre si, estando em contínuo processo de relações.

Palavras-chave: turismo, meio ambiente, dialética, relação sistêmica.

Abstract

Tourism and environment are sectors that some approaches are interrelated and contemplated, what stimulates the study and the agreement of these Inter-relations. For these studies and agreements, the sistêmica boarding will subsidize one better deepening of these Inter-relations. This article has as objective, in such a way to emphasize the sistêmica vision for the tourism as for the environment and, also, focusing the relation dialectic between both. From the sistêmico approach, the relation dialectic between tourism and environment are identified. In this relation, the elements of the environment and the tourism are interdependent, are changedged, been contradictory and produced consequences, positive how much in such a way negative. The tourism and environment are considered as opened systems, for possessing internal interchanges and between itself, being in continuous process of relations.

Key words: tourism, environment, dialectic, sistêmica relation.

Introdução

A inter-relação sociedade/natureza é indissolúvel e independe do grau de cultura ou desenvolvimento da sociedade. Porém, o modelo desenvolvimentista adotado até agora, conduziu a uma sistemática degradação ambiental.

Na atualidade, as atitudes para com o ambiente variam desde “se pode ser feito, faça-se” até a “volta à natureza” dos mais extremados ecologistas. A cultura tem influenciado o comportamento das pessoas em relação ao ambiente.

As inovações decorrentes da evolução científica e tecnológica da humanidade aumentaram imensamente as ilusões humanas de domínio sobre a natureza, mas, a verdade é que essas inovações são quase inteiramente obra das civilizações ocidentais.

Foram essas atitudes em relação à vida, aliadas ao engenho humano, que levaram às mais profundas transformações do meio ambiente. Em outras culturas, a concepção de uso do ambiente produziu reações muito diferentes em relação à natureza.

As transformações que prejudicam o ambiente, resultantes das atividades humanas, acabaram por “implantar” a atual concepção “ecológica”, na qual o homem não passa de um mero componente do ecossistema geográfico.

Para Drew (1994, p. 03), “nenhuma dessas abordagens é necessariamente “correta” ou “incorreta”, mas todas afetaram poderosamente o modo como o homem procurou moldar o ambiente que o cerca. Outrora, tais diferenças teriam interesse puramente acadêmico, mas hoje em dia a relação do homem com o meio está chegando a uma situação crítica, na medida em que as mudanças por ele realizadas talvez se tornem irreversíveis, se não trouxerem consigo imprevisíveis alterações de fundo”.

No entanto, os níveis de alterações que o homem impõe à superfície da Terra são limitados pelo nível da tecnologia e dos recursos econômicos de que dispõe.

A interação entre dois “setores” de grande interesse na atualidade, o turismo e o meio ambiente, contempla vários enfoques, o que incentiva o estudo das inter-relações e, principalmente, do entendimento das influências que se estabelecem entre estes setores e os leva a profundas transformações, dinâmicas e contínuas.

O termo “meio ambiente” provém do latim *mé-dium* (meio) que se refere ao “lugar” onde qualquer ser vivo pode ser encontrado, e *ambire* (ambiente) que se

relaciona a tudo o que envolve este “lugar”. Portanto, o ambiente reforça o conceito de meio, repassando-nos a idéia de entorno ou da realidade física que envolve todos os seres vivos.

A atividade turística encontra-se diretamente relacionada com o ambiente, uma vez que este constitui a “matéria – prima” do turismo, ou seja, a essência do fato turístico.

Nos últimos tempos tem-se assistido a uma busca quase frenética por períodos de lazer em ambientes naturais. Essa “corrida ao verde” tem várias causas, dentre as quais pode-se citar a constante deterioração dos ambientes urbanos pela poluição sonora, visual e atmosférica, o elevado índice de violência que assola os grandes centros, os congestionamentos que roubam das pessoas um tempo precioso apenas com a contrapartida da irritação e ainda mais *stress* e também as doenças provocadas pelo desgaste não apenas físico, mas, sobretudo psicológico que os desafios da atualidade impõem aos indivíduos.

Em função destes e de muitos outros fatores, assiste-se a um fluxo crescente da “busca pelo verde”, ou seja, da busca por ambientes naturais, pelo turismo de natureza. Dessa forma é que muitas pessoas encontram nesta oportunidade de contato com a natureza uma poderosa motivação de viagem.

No entanto, para a atividade turística responsável, esse fluxo massivo por ambientes naturais demanda grande cautela quanto o emprego e utilização desses recursos naturais, uma vez que o turismo e meio ambiente estão inseridos num contexto pleno e sistêmico de sustentabilidade. Pois, muito embora o fluxo massivo de turistas traga consigo consideráveis benefícios nas esferas econômicas e sociais a um núcleo, trazem também conseqüências que devem ser criteriosamente sondadas e avaliadas, para que se possa planejar com maior eficácia a atividade turística, minimizando os impactos ao ambiente, antes que estes desencadeiem um quadro irreversível de destrutibilidade causado por uma espécie de “miopia”, que em nome do imediatismo compromete, a médio e longo prazo, toda a viabilidade econômica do turismo.

Meio ambiente: uma visão sistêmica

O mundo em que a sociedade vive pode ser dividido em “porções” menores, como classes, categorias e seções para que nos faça algum sentido. Esta abordagem é necessária para que compreendamos a complexidade da evolução do conjunto da Terra.

A inter-relação é geral e constante, de forma direta ou indireta, sendo impossível “compreender”

qualquer aspecto isolado sem referência à sua função como parte do conjunto do mundo.

Quando a sociedade provoca uma alteração no ambiente, visa normalmente a um fim imediato e óbvio. Desde a simples construção de uma casa até a guerra nuclear, quase todos os aspectos do Planeta seriam alterados, ficando alguns elementos irreconhecíveis (no caso da guerra nuclear) e, as reações em cadeia afetadas, sobretudo as biológicas, que alterariam as bases do ambiente, provocando um comportamento inteiramente diverso, em futuro distante.

Como entender o comportamento complexo da Terra diante dos diversos usos impostos no seu ambiente? Para Drew (1994, p. 20), *um dos métodos consiste em encarar o Planeta como uma imensa máquina integrada, movida a energia, trabalhando subdividida em incontáveis máquinas menores que operam dentro da estrutura geral do conjunto da máquina terrestre.*

A energia que move essa imensa máquina origina-se, em primeiro lugar da energia eletromagnética do Sol, sendo influenciada pela gravidade, estrutura interna da Terra e dos movimentos da Terra.

A energia do Sol penetra na atmosfera e distribui-se de modo variado e desigual pelo Planeta, cumpre a sua função e depois volta ao espaço. No período em que permanece no ambiente, movimenta uma série

de “serviços” que a sociedade utiliza como matéria-prima de seus produtos.

Entre a “entrada” e a “saída” do ambiente, esta energia passa por diversos setores e se acumula por longos períodos de tempo (carvão, petróleo) ou pequenos períodos (solo, formas de vida).

As transformações impostas pelas atividades antrópicas no ambiente, altera a troca de energia, a intensidade das correntes de energia, diminuindo e/ou aumentando os depósitos de energia natural, quer seja através da utilização de fertilizantes químicos no solo ou utilizando o carvão vegetal como fonte de energia.

Se estas atividades acarretarão conseqüências positivas ou negativas, dependerá do “tipo” e “intensidade” da atividade implantada e do local do ambiente em que se desenvolveu.

Para Drew (1994, p. 21), *um sistema é um conjunto de componentes ligados por fluxos de energia e funcionando como uma unidade.*

O nosso planeta Terra é, portanto, considerado como um enorme sistema. Mas, poderá ser dividido em vários subsistemas. Para que a vida seja mantida são necessárias a existência e manutenção de três subsistemas: o atmosférico, o continental ou litosférico e o aquático ou hidrosférico.

É na zona de “confluência” dessas três parcelas que ocorre a vida (biosfera).

Assim, é extremamente necessário que se tenha a visão sistêmica para entendermos o funcionamento da Terra e, principalmente, que se compreenda que todas as partes são parcialmente independentes e firmemente vinculado entre si.

As diferentes formas de uso e ocupação impostas ao ambiente pela sociedade não altera o funcionamento do sistema global mas afeta significativamente os subsistemas de “ordem inferior”, principalmente aqueles que envolvem seres vivos (ecossistemas), que são extremamente sensíveis às mudanças feitas pelo ser humano.

É óbvio que, qualquer atividade desenvolvida pela sociedade tem a intenção de ser benéfica, de promover o bem estar da população, mas o grau de complexidade do funcionamento da Terra explica os comportamentos inesperados, ou até reações em cadeia que venham a resultar em conseqüências negativas ao ambiente e, conseqüentemente, à população.

A intensidade desse “comportamento imprevisível” pela natureza depende, em primeiro lugar, da tensão aplicada ao sistema pela atividade imposta e, em segundo lugar, do grau de fragilidade do próprio sistema.

Efetivamente, a Terra muda com o tempo. Mas, as mudanças são extremamente lentas para a sociedade, dentro de uma visão de tempo geológico: as alterações naturais acontecem com extrema lentidão (milhões de anos).

Já, as transformações impostas pela sociedade são rápidas (em poucos anos alteramos o que a natureza levou milhões de anos para construir) e, assim, a natureza “perde a noção de evolução”.

Os subsistemas trocam energia entre si, mas, o equilíbrio entre eles é frágil. Quando são submetidos a uma pressão de mudança, a reação será em cadeia. Isto é, um “setor” altera seu comportamento e, em consequência, os demais (que dependem desse setor), alterarão seus comportamentos.

Conforme a mudança imposta, um subsistema poderá a vir se desintegrar sendo, portanto, uma “perda” extremamente difícil de ser incorporada pela natureza.

Pode ser citado como exemplo a extinção de algumas espécies de animais. Dentro do grande sistema (a Terra), cada espécie tem a sua parcela de “tarefas” a serem cumpridas dentro da cadeia alimentar. Quando uma espécie é exterminada, estas “tarefas” não serão cumpridas e, as espécies que dependiam daquela que foi exterminada, ou que se alimentavam dela, ficarão sem “rumo”.

Assim, os comportamentos dessas espécies serão imprevisíveis, podendo ser positivos (quando as espécies se reincorporam de maneira equilibrada ao ambiente) ou negativos (quando as espécies proliferam-se e tornam-se dominantes ou extinguem-se, aumentando a reação em cadeia).

Tudo está na dependência da intensidade do impacto provocado pela ação antrópica.

Para Drew (1994, p. 32)

a abordagem sistêmica oferece apenas um meio de compreender o mundo natural. Para que seja útil, ainda temos de apresentar informações detalhadas sobre o real funcionamento de cada sistema. Entretanto, no contexto da interferência humana no ambiente, a abordagem sistêmica pode servir como meio de previsão das mudanças, de avaliação da sensibilidade dos sistemas naturais e de determinação dos pontos de interferência e dos limiares de sistemas que terão de ser modificados.

O homem já modificou quase todos os aspectos da sua “casa”, isto é, do seu *habitat*. O nível da transformação é influenciado pela necessidade de mudar e, também, pela sensibilidade particular do ambiente.

Até a revolução industrial e tecnológica do século XIX, as degradações do *habitat* eram produtos ou subprodutos das atividades agrícolas, de forma que a água, o solo e a vegetação eram mais afetados.

Após, a intensificação do uso de energia transferida, principalmente combustíveis, assim como a engenharia genética, torna realmente possível a separação quase total de uma parte da espécie humana, pelo menos, do seu ambiente natural. A *ecosfera* (o mundo econômico) ficou completamente separada da *ecosfera*.

O maior interesse das relações entre a sociedade e a natureza é o bem-estar de nossos semelhantes. Mas, na maioria das vezes, a escala de degradação imposta aos processos naturais, talvez, já seja o suficiente para provocar alterações ambientais catastróficas no nível quase planetário. Daí o nosso interesse!

Essas transformações no ambiente, podem ter resultado da má utilização ou do uso impensado da tecnologia. Mas as alterações ambientais também são influenciadas pela busca incessante da demanda de recursos, em função de uma população sempre crescente.

Todavia, a demanda da energia, solo e matérias-primas vêm aumentando três vezes mais depressa do que a população. É claro que, em futuro próximo, as provisões serão inferiores à demanda, enquanto se vai tomando consciência de que o crescimento infinito é impossível num mundo finito.

São várias as reações diante desta perspectiva. Alguns “pensadores” defendem o uso intensivo dos recursos e, paralelamente, a busca de um “remédio tecnológico”, como tratamento para “superar” o fim destes recursos e diminuir o prejuízo ecológico.

Outros defendem a visão conservacionista, que a sociedade poderá rever o consumismo e reduzir a sua interferência e o seu controle sobre o meio ambiente.

Outro “olhar” conservacionista mais equilibrado, defende o uso “sábio” ou a administração dos

recursos, reconciliando as necessidades humanas com as limitações do meio físico. Para isso, prega a compreensão do funcionamento do planeta e a busca de um equilíbrio ou de um estado invariável de administração global.

A visão da Terra como um conjunto único e a sociedade sendo inseparável e em plena “sintonia”, é retomada atualmente, mas, com uma “roupagem” mais científica.

Esta “visão” exige o conhecimento das relações de causa e efeito e interações entre sistemas, da distribuição dos fenômenos naturais no planeta e da consciência do funcionamento dos sistemas naturais.

Turismo e meio ambiente: tudo se relaciona

.... as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está “acabada”, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro. (Lakatos; Marconi, 1991, p. 101).

A atividade turística carrega consigo uma relação dialética: ao mesmo tempo em que pode abrir novas perspectivas sociais em função do desenvolvimento econômico, criar mais consciência e sentido de cidadania, promover a difusão e a preservação da

identidade cultural de um povo, pode também destruir os recursos naturais, condenar ao estereótipo toda uma tradição cultural, desencadear disfunções na família com o aumento de tráfico de drogas e de prostituição, dentre outras.

E isso acontece por que a atividade turística não pode ser apenas definida como a mera soma das operações de caráter econômicos que envolvem o transporte, a alimentação, a hospedagem e o entretenimento do sujeito do turismo.

O turismo é muito mais que apenas a soma desses elementos, o turismo é sinérgico, é, portanto sistêmico. E é nesse contexto de inter-relações entre as partes que o compõem que o turismo deve ser compreendido e, sobretudo, planejado.

Beni (1998, p. 25) define sistema como *um conjunto de partes que interagem de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um plano ou princípio*. E, dentro dessa perspectiva sistêmica, o turismo precisa receber o tratamento adequado que convém ao significado do sistema.

Beni (1998) propõe entendimento do turismo a partir das relações de quatro grandes subsistemas: o subsistema ecológico, o subsistema econômico, o subsistema social e o subsistema cultural.

Churchman, citado por Beni (1998, p. 26), nota que os objetivos totais do sistema devem ser levados em

consideração, não apenas os de um subsistema, sob pena de causar um desequilíbrio com graves conseqüências ao patrimônio natural, cultural ou social de uma localidade.

Exemplos dessa natureza se descortinam aos olhos da população com freqüência: planeja-se uma atividade, que traz um bom benefício econômico a cidade, mas quando esse evento chega ao fim e vem a hora de contabilizar os danos deixados pelos turistas, só então é que os planejadores se dão conta do desequilíbrio social que causaram por meio da avaliação, das estatísticas, do aumento no número de adolescentes grávidas, no número de pessoas contaminadas por doenças sexualmente transmissíveis ou até mesmo pela depredação do patrimônio público como telefones públicos, praças, etc.

E, então, isso quer dizer que o turismo é um grande equívoco?

Equivaleria dizer que os benefícios acarretados pelo turismo são infinitamente menores que os prejuízos legados pela atividade?

Analizando essas questões sob uma ótica administrativa mais requintada, poder-se-ia afirmar que o equívoco não repousa no turismo, mas sim na forma como se planeja a atividade sem se dar conta da perspectiva sistêmica que o turismo assume.

Nesta análise, o papel do turismo é gerar experiências, é proporcionar a realização dos sonhos, é

encantar pela diversidade que carrega em seu cerne, mas é, também, não esquecer o ambiente, os ecossistemas e o próprio homem. O turismo não cumpre sua função se não agrega valor a sociedade e se não pode ser utilizado como veículo de preservação do patrimônio natural, cultural ou social de um povo.

Assim sendo, o objetivo é atentar ao fato de que o pensamento que planeja o turismo não pode ser linear, não deve ser regido pelo mecanicismo ou pela visão atomística ou reducionista cuja percepção repousa centrada nas partes isoladas, mas o pensamento do planejador de turismo deve ser sistêmico, compreendendo todas as ações e reações que as tomadas de decisão poderão gerar a um núcleo receptor e a seu povo.

Capra (2000, p. 41) ilustra com muita propriedade quando afirma: *o pensamento sistêmico é contextual, o que é o oposto do analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto mais amplo de um todo.*

Turismo: valores e ética

Dois importantes conceitos trazidos da filosofia ajudam a prosseguir com este estudo: o conceito de valor e o conceito de ética.

Por valor, compreende-se em geral, *o que deve ser objeto de preferência ou de escolha.* (Abbagnano, 2000, p. 989).

Desde a Antigüidade essa palavra foi usada para indicar a utilidade ou o preço dos bens materiais e a dignidade ou mérito das pessoas.

Assim sendo, numa perspectiva do estudo do turismo, subentende-se que, para que uma localidade turística mantenha sua força de atratividade, precisa manter os elementos que a sustentam, o que é o caso de muitas comunidades atreladas aos seus recursos naturais.

Pois, uma vez que estes recursos não receberem o tratamento de preservação ou conservação adequadas, podem sofrer graves prejuízos e se tornarem menos dignos de valor aos olhos do turista. Isto é, mais uma vez a corrida por lucros rápidos condena o uso otimizado do recurso no futuro, ou seja, uma prática diametralmente oposta ao tão desejado turismo sustentável, pois a medida em que o atrativo natural perde o valor na ótica de seu visitante, este começa a procurar outros destinos e se não houver planejamento o ciclo novamente recomeça. Mas existe a contrapartida que é o comportamento que os turistas assumem diante dos locais e dos povos que visitam, e isso remete à ética.

A palavra ética vem do grego *ethos* que quer dizer costume. Entende-se por ética *parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito das noções e princípios que fundamentam a vida moral.* (Aranha; Martins, 1993, p. 379).

A ética pode amplamente ser percebida ou não na atividade turística. O turismo que depreda, que violenta, que não percebe a diferença é um turismo questionável da mesma maneira como é, também questionável a ação empresarial que não tem olhos ao longo prazo.

Mas o que conceitos filosóficos podem contribuir para direcionar um estudo sobre turismo e meio ambiente?

Em realidade entende-se estarem atrelados ao conceito de desenvolvimento sustentável ao de responsabilidade social.

O turismo pode agregar valor à sociedade, minimizar os efeitos da pobreza a medida que gera empregos ou que envolve mais pessoas no processo produtivo, proporcionando dignidade social e o verdadeiro exercício da cidadania que só se faz com educação e saúde.

A dialética do turismo

Para ilustrar a relação dialética do turismo e meio ambiente pode-se pensar a atividade como pensar numa via de mão dupla que, se por um lado a atividade traz consigo poderosos benefícios ao núcleo e a população autóctone, por outro, pode acarretar danos, diminuindo a qualidade de vida desta população

ou gerando um uso predatório do ambiente e seus recursos.

Ao gerar valor econômico desencadeia o uso de bens e serviços, aquecendo as iniciativas empresariais e oportunizando empregos. Mas pode tornar-se uma armadilha caso as populações que se beneficiaram do boom turístico não tenham desenvolvido um bom planejamento para atividade.

Cabe notar que, alguns núcleos turísticos atrelam suas economias as atividades turísticas, num delicado e frágil quadro de dependência, sem considerar o dinamismo do setor que pode mover-se por modismos e preferências passageiras, desestruturando a economia local.

Os impactos do turismo nos âmbitos cultural e social, conforme assinalam Pizam e Ady citados por Pires (1999), podem ser sentidos a medida que contribuem para a modificação dos sistemas de valores, do comportamento individual, de relacionamentos familiares, de estilos coletivos de vida, da conduta moral, das expressões individuais ou coletivas, das cerimônias tradicionais e das organizações comunitárias.

Portanto, a atividade turística pode tanto se apresentar como uma das principais motivações para a restauração e preservação da cultura e da história, beneficiando o núcleo receptor e enriquecendo o patrimônio cultural do turista, como também pode,

em contrapartida, ser uma poderosa motivação para o kitsch, que banaliza toda a arte e as tradições.

O turismo também apresenta grande impacto no meio natural. Assim como lembra Pires (1999), a simples presença física de pessoas em áreas naturais acarreta impactos em maior ou menor escala. A magnitude destes impactos relaciona-se a fatores tais como a quantidade de pessoas presentes ao mesmo tempo numa mesma área; a finalidade de sua presença; seu comportamento e seu nível cultural e a fragilidade ecológica da área impactada.

Pires (1999) nota que os impactos ao ambiente natural podem ser percebidos sob duas dimensões espaciais: a ampla e a pontual. Sendo que, por escala territorial ampla compreende-se aquela área dentro de um município ou região ou um ecossistema ou uma unidade ambiental. A expansão urbana desordenada, a abertura não planejada de estradas para a circulação turística em áreas ecológicas ou paisagisticamente frágeis, a implantação de grandes equipamentos turísticos sem o devido estudo ambiental, são graves exemplos de degradação do meio ambiente, deterioração paisagística e desequilíbrios nos ecossistemas.

A dimensão pontual é aquela que tem por objeto uma área territorialmente mais limitada como as áreas protegidas e ecossistemas ou unidades ambientais. Nesta dimensão, o turismo gera grandes impactos.

Pires (1999), adaptando parcialmente dados de Boo, aponta alguns fatores cujos impactos trazem considerável redução da qualidade do meio ambiente.

Dentre os elencados, o autor explica que, o número elevado de pessoas numa determinada área causa pressão ambiental, alteração no comportamento dos animais (não raras vezes os turistas se divertem alimentando os animais, contribuindo para a mudança de hábitos nas referidas populações, levando-as a uma maior dependência), contribuindo para a redução da qualidade do ambiente em questão.

Essa redução pode também ser percebida através da coleta ou extração de “recordações”, que à primeira vista podem parecer inocentes, mas que contabilizadas em longo prazo contribuem para a destruição dos atrativos naturais ou até mesmo distúrbios nos processos naturais.

Outro grande vilão é o lixo que, além de detrair a qualidade paisagística, gera riscos sanitários e de degradação do ambiente. A descarga de esgoto e águas residuais acarretam alterações bioquímicas que contaminam o solo e a água. A abertura de caminhos provoca cicatrizes estéticas e comprometem o equilíbrio da fauna, pela perda de *habitats* e ecossistemas. Os ruídos causados por veículos conturbam a vida selvagem e a poluição por combustíveis aumenta a vulnerabilidade da fauna em fases críticas de aninhamento e reprodução, contaminando o meio.

Diante de todos esse fatos, torna-se necessário refletir sobre a questão: até que ponto é possível conservar uma área natural como destino turístico sem que ela perca suas características originais e com isso seus atrativos?

Esta questão assinala, em primeira instância, o cuidado com um planejamento da atividade e pleno conhecimento de seus recursos. Uma vez que os danos destes recursos constituem ameaça a viabilidade econômica do turismo, o que seria sinônimo de “matar a própria galinha dos ovos de ouro”.

Pires (1999) elucida que a relação ideal entre a atividade turística e o meio ambiente é aquela que presuppõe uma simbiose, onde ambos os lados se beneficiam, ou seja, *o desenvolvimento do turismo proporcionando meios para a valorização ambiental e o ambiente*, que uma vez protegido segue como fonte de atratividade para um fluxo turístico desejável que traz benefícios sócio- econômicos as regiões anfitriãs, aquecendo iniciativas de apoio aos programas de conservação das áreas que alavacam o desenvolvimento dos destinos, não contrapondo desta forma os interesses turísticos aos da população.

No entanto, para que esta relação se consolide, torna-se imperativo a adoção de medidas preventivas e minimizadoras dos impactos negativos causados pela atividade turística. Isso significa investimentos

em pesquisa, em educação ambiental (ferramenta poderosa que faz com que as pessoas se tornem mais conscientes e se sintam mais comprometidas com relação ao ambiente e sua preservação), estruturação física dos destinos naturais etc.

Iniciativas estas que devem ser combinadas ao constante aprimoramento da capacitação profissional dos agentes responsáveis pela proteção destes recursos.

Tudo se transforma....

...para a dialética não há nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; apresenta a caducidade de todas as coisas e, para ela, nada existe além do processo ininterrupto do devir e do transitório. (Politizer citado por Lakatos; Marconi, 1991, p. 103).

Para analisarmos os impactos que o turismo causa no ambiente, é necessário entendermos que o conceito de ambiente envolve, além do meio natural, as dimensões sociocultural e econômica.

Portanto, a análise dos impactos do turismo sobre o ambiente, deverá definir em qual destas dimensões está sendo focado.

O turismo provocará impactos positivos e negativos no ambiente, tendo em vista a complexidade das relações de interdependência entre os elementos naturais. Os efeitos destes impactos ocorrerão no tempo e no espaço, envolvendo o homem, a sociedade e o entorno natural.

Para Pires (2001, p. 241), *qualquer abordagem sobre os impactos do turismo deverá ser sustentada por tal premissa, ainda que venha a se deter numa determinada dimensão (ecológica, socioeconômica, cultural) ou em aspectos específicos.*

O impacto positivo da atividade turística reside no fato de que, a partir da força do interesse turístico, pode ser gerado recursos e ações efetivas para a proteção dos recursos naturais. Estas ações poderão ser efetivadas através de projetos e empreendimentos ecoturísticos.

Os impactos negativos do turismo sobre o ambiente natural ocorrerão na formação geológica, vegetação natural, água, ar, vida selvagem, principalmente.

Os impactos negativos sobre o ambiente construído poderão afetar monumentos, sítios arqueológicos, lugares e construções históricas, pois, através da implantação de “facilidades” e da infra-estrutura turística poderá haver a alteração da autenticidade e originalidade espacial e arquitetônica.

Mason, citado por Pires (2001, p. 243), destaca os seguintes aspectos negativos que o turismo poderá gerar sobre o ambiente físico:

- a. congestionamentos em povoados remotos e sítios históricos;
- b. poluição de cursos d’água e de praias;
- c. destruição de trilhas e da vegetação frágil;
- d. distúrbios e danos à vida selvagem;

- e. desenvolvimento turístico esteticamente degradante;
- f. disseminação da desordem (espacial).

O espaço natural poderá ser analisado sob o enfoque sistêmico. Assim, poderá ser agrupado em três categorias para melhor avaliação de seus impactos: vegetação e os solos, recursos hídricos e a vida selvagem (fauna).

O turismo poderá gerar impactos diretos ou indiretos nestas categorias sendo que as conseqüências dependerão das características do ambiente e de sua fragilidade ecológica que possui.

Pires (2001, p. 244), exemplifica os efeitos práticos e concretos do turismo sobre o ambiente natural:

- *sobre o ar*: a partir dos deslocamentos dos turistas no ambiente, a combustão e a liberação de gases resultantes, contribuirão para degradar a qualidade química do ar e, também, seu aspecto visual.
- *sobre as formações rochosas, recursos minerais e fósseis*: estes elementos, na maioria das vezes, são matérias-primas para artesanatos.
- *sobre os solos e a vegetação*: a retirada da vegetação, quer seja para trilhas, aberturas de estradas ou implantação da infra-estrutura turística, contribuirá para a compactação, erosão e perda da fertilidade do solo. Muitas vezes, as conseqüências são irreversíveis em função da perda destes elementos afetando, inclusive, o usufruto turístico.

- *sobre os recursos hídricos*: os impactos podem ocorrer de muitas maneiras, direta ou indiretamente. Diretamente através do uso recreativo e indiretamente, através da retirada da vegetação (o que afetará, também, o solo) e a não implantação de um sistema de tratamento de efluentes na implantação da infra-estrutura turística.
- *sobre a vida selvagem*: a própria presença humana perturbará a fauna nativa, podendo ser agravado por ações predatórias, sejam premeditadas ou não.
- *sobre a paisagem*: a paisagem assume a grande maioria dos impactos provocados. Caso qualquer elemento da paisagem seja afetado, imediatamente haverá uma reação em cadeia, afetando o todo.

Muitas ações que provocam impactos nos ambientes não tinham como objetivos tais conseqüências.

Boullón (2000, p. 58), define os seguintes grupos de agentes que podem originar impactos:

- primeiro, a riqueza
- segundo, a administração pública
- terceiro, população local
- quarto, a pobreza.

Para ele, a combinação do poder da riqueza com a ignorância e cumplicidade dos governos, mais a indiferença da população local, produz o fenômeno da especulação imobiliária.

A pobreza também gera impacto negativo. A ocupação desordenada da periferia induz à depredação

de espaços naturais, à captura de animais em vias de extinção para vender como mascotes ou utilização como alimento.

Neste panorama pode-se entender e, até justificar, as ações da pobreza, da população local e da riqueza que visam, em primeiro lugar, os benefícios econômicos. Mas, as atuações dos governos e da especulação imobiliárias são inexplicáveis.

Os governos são os principais responsáveis pois aprovam projetos de desenvolvimentos que, na grande maioria das vezes, não condizem com a realidade daquele ambiente. Permitem usos de espaços sem respeitar as características do ambiente. Com o tempo, os problemas se renovam e, cada vez com menor chance de solução.

O setor econômico cresce sendo influenciado pelo consumo dos recursos naturais disponíveis. A interação de diversos fatores contribui para caracterizar a degradação ambiental, cujo significado nada mais é do que o esgotamento da base (recursos naturais) do desenvolvimento econômico, social e humano.

O aumento populacional e o uso inadequado da tecnologia (como uma manifestação da cultura humana e, especificamente, como uma expressão ideológica do manejo e manipulação das forças da natureza), constituem os fatores propulsores da crise ecológica.

Deles, resultam outros fatores de hierarquia menor que, finalmente, vão formando uma complexa e intrincada rede, sendo difícil de implantar soluções em escala global.

O turismo (considerado como subsistema dentro de outros maiores), é afetado pela crise ecológica originada e mantida pelo suprasistema sociocultural. O turismo, como parte integrante do todo, adquire algumas das características mais representativas e significativas dos sistemas maiores.

Para a compreensão das relações entre o turismo e o ambiente, que fazem parte do suprasistema sociocultural, e as intensidades dos efeitos das mesmas, é necessário buscar “ajuda” à análise sistêmica.

Para o turismo, esta compreensão é de suma importância para entendermos o fenômeno de degradação ambiental identificada dentro de seus espaços de permanência. Nos limites da visão sistêmica, a relação turismo e ambiente natural deverá ser interpretada sob a visão da teoria dos sistemas abertos.

Para Bertalanffy, citado por Molina (2000, p. 126), uma das características mais importantes dos sistemas abertos, são os intercâmbios que mantêm com o meio circundante. Estes intercâmbios referem-se à energia, a matéria e as informações.

Nas atividades turísticas, o sistema exhibe contínuos e permanentes processos de intercâmbios, sendo que, sem alguns deles, o sistema não sobrevive:

- *intercâmbios energéticos*: importação de combustíveis fósseis ou de outra natureza, para operar suas unidades produtivas.
- *intercâmbios de materiais*: importação de equipes para produção de serviços. Exportação de resíduos contaminantes.
- *intercâmbio de informações*: entrada de normas redigidas pelo suprasistema. Saída de informações referente às experiências adquiridas com a prática do turismo.

No turismo, a aplicação do modelo do sistema aberto requer maior conhecimento do fenômeno, pois, a partir desse conhecimento, explicamos as variadas relações que ocorrem no lugar, independente da origem dos seus componentes e das forças que impulsiona o sistema.

O turismo é considerado um sistema aberto (para a visão sistêmica), por possuir intercâmbio com o meio que o circunda e, por extensão, não é auto-suficiente.

O sistema turístico não é caracterizado por estruturas e funções estáticas. Por ser um sistema aberto, mantém um processo contínuo de relações, muitas conflitantes, e em colaboração com o ambiente.

Em teoria, o sistema tenderia a explorar os atrativos naturais turísticos, de modo tal que a degradação dos mesmos, por seu uso turístico, corresponderia a uma força oposta, impulsionada pelo homem, de caráter conservador ou regenerador, para assim, garantir a vigência do sistema em longo prazo.

Na prática, ocorre que as forças renovadoras ou conservadoras dos atrativos naturais turísticos são “comandadas” pela ação de forças mais potentes, emitidas por outros subsistemas.

Para Molina (2000, p. 127), a natureza dessas forças é variável e obedece à objetivos claros: proteção de certos interesses econômicos por sobre os ecológicos; não podemos esquecer que, “cuidar” do interesse econômico não implica, necessariamente, preservar o ecológico mas, atender o interesse ecológico, privilegia e beneficia o econômico a médio e longo prazo.

Mas, quando os custos de manutenção dos atrativos naturais aumentam, o turismo vai, lentamente, sendo “deteriorado”.

Espaço cultural contra o espaço natural: a luta dos contrários

Em oposição à metafísica, a dialética parte do ponto de vista de que os objetos e os fenômenos da natureza supõem contradições internas, porque todos têm um lado negativo e um lado positivo, um passado e um futuro; todos têm elementos que desaparecem e elementos que se desenvolvem; a luta desses contrários, a luta entre o velho e o novo, entre o que morre e o que nasce, entre o que perece e o que evolui, é o conteúdo interno do processo de desenvolvimento, da conversão das mudanças quantitativas em mudanças qualitativas (Politzer, citado por Lakatos; Marconi, 1991, p. 105).

Molina (2000, p. 128) resume a essência da origem da crise ecológica nos espaços de uso turístico. O homem ocupa o espaço natural para satisfazer suas necessidades mínimas e, à medida que “sente” que o espaço não o satisfaz mais, manipula-o irracionalmente, de maneira que vai “desenhando” um espaço cultural, até agora abstrato, pois não “respeita” as condições do meio ambiente global e, muito menos, as leis da natureza.

O homem “desenvolveu”, ao longo da sua busca ao progresso, a habilidade de alterar os ecossistemas, e o faz sem calcular racionalmente o impacto da perturbação. Estas ações tão generalizadas poderão levar o setor turístico à falência.

Molina (2000, p. 128) ressalta que, o confronto destas forças – as humanas contra as físicas e naturais – se caracteriza um modelo descritivo importante, devido ao crescente número de turistas e de população residente permanente estes, acabam apoiando o uso de uma tecnologia (para melhor servi-los) que acabará prejudicando a qualidade do ambiente. As próprias práticas turísticas, na maioria das vezes, também contaminam e deterioram o ambiente, alterando ainda mais o confronto destas forças. Uma vez chegado a este ponto, descobrimos a magnitude e a profundidade da idéia do “colapso turístico”. A contaminação e a degradação ambiental é uma das formas de se chegar a esta situação.

Uma das visões que advém do desenvolvimento sustentável sugere a utilização racional tanto dos recursos naturais quanto culturais, respeitando as características de ambos e integrando-os ao sistema produtivo, que é o turismo.

A urgência na reversão deste desequilíbrio está clara e é óbvia. Mas, para isso, possivelmente, passaremos por uma estagnação econômica, e o turismo fará parte dela.

A humanidade passa por uma nova hierarquia de valores para ajustar-se às condições que minimizem os problemas ambientais.

Diante deste desafio, o turismo, como alternativa econômica, está impregnado por perspectivas interessantes. Neste processo de “revisão” de valores, o turismo é um fenômeno.

Molina (2000, p. 132) deixa claro que, o turismo está deixando de ser uma atividade meramente utilitária e, passa a ser um espaço qualitativamente diferente e superior, a partir do qual, pode injetar renovada energia e informação ao sistema sociocultural, bem como promover novas atitudes e realizações humanas. Para isso é necessário:

- revisar a atual teoria do turismo
- apontar os problemas e hipóteses desta revisão
- comprovar as hipóteses
- a partir das hipóteses comprovadas, elaborar leis respectivas

- estabelecer uma nova teoria
- elaborar novos modelos de desenvolvimento turístico
- “desenhar” os futuros cenários turísticos.

Molina (2000, p. 132), comenta que os novos cenários turísticos podem ser denominados de “ecossistemas turísticos” pois, poderá a vir se tornar um espaço especializado cuja particularidade mais importante é o equilíbrio dinâmico estabelecido entre seus componentes, de maneira que, por exemplo, a arquitetura dos hotéis poderá ser desenhada a partir da capacidade de suporte do subsistema atrativos turísticos naturais e do subsistema urbano, integrando as características do meio natural. O subsistema social, também, terá que se relacionar em um equilíbrio dinâmico com os demais subsistemas existentes. O equilíbrio dinâmico deverá ser global àquele ambiente.

O crescimento turístico, segundo Molina (2000, p. 133), está fadado ao declínio na atual concepção quantitativa e depredadora. É necessário romper o círculo conceitual destas idéias. Frente a estes eventos que causam aumentam a degradação ambiental, os modelos e cenários turísticos, podem desenvolver práticas que irão consolidar o consumismo e o respeito ao meio ambiente.

Considerações finais

“É impossível desenvolver alguma atividade no ambiente sem degradá-lo”. Esta posição é defendida pela grande maioria dos ecologistas. Com efeito, produção e contaminação ambiental são indissociáveis: o segredo está em planejar a atividade produtora para minimizar o efeito negativo no ambiente.

Assim, nenhuma atividade desenvolvida no ambiente possui “zero” de degradação, tendo em vista a complexidade da troca de energia entre os subsistemas.

O que deverá ser feito é implantar a atividade respeitando, o máximo possível, as características ambientais. Essa atitude, para Molina (2000, p. 47), requer uma atitude revolucionária na consciência dos homens, a tal ponto que compreendam a estreita vinculação e integração com o meio ambiente.

O objetivo principal seria aumentar a produção, cada vez mais, utilizando o ambiente só o que “realmente” precisamos, aproveitando as suas belezas naturais. Assim, as suas características e as suas qualidades seriam preservadas em longo prazo.

A própria humanidade sairia vitoriosa, pois, com a preservação da qualidade ambiental, os atrativos turísticos poderão ser utilizados por um tempo muito maior.

Grande parte dos “pacotes turísticos” vende a “idéia” de um lugar belíssimo, paradisíaco, mas, na

realidade, não “tratam” o ambiente com o devido respeito de suas características, não o preservando.

Muitas vezes, o turista é exposto à riscos para sua saúde, sem ter consciência ou conhecimento deste fato. Isso ocorre em função da maioria dos projetos turísticos implantados em décadas anteriores, planejarem suas atividades sem considerar os limites do ambiente. Esse limite deverá ser respeitado, pois, rompendo o frágil equilíbrio ambiental, a atividade turística estará fadada ao declínio.

A atividade turística está sendo vista como a “salvadora”, isto é, “revitalizadora” econômica. Mas, para que isso realmente aconteça, o melhor caminho é um planejamento sustentável.

A base para isso é a tecnologia que, poderá ser usada, tanto para “salvar” àquela localidade da estagnação econômica, como utilizar coerentemente os elementos que compõem o ambiente.

Para Molina (2000, p. 56), o turismo, a parte de “sofrer” os efeitos da degradação ambiental, a está gerando também. Se analisarmos a situação de importantes locais com aptidão turística, ou projetos turísticos, encontraremos um excelente campo para gerar ações específicas, visando a recuperação destes locais ou projetos.

Nessa interação de elementos do ambiente e do turismo, entende-se a existência da relação dialética.

Nesta relação identifica-se suas leis fundamentais: a ação recíproca, ou seja, “tudo se relaciona”; a mudança dialética, ou “tudo se transforma”; a interpenetração dos contrários, ou “luta dos contrários”.

Os subsistemas ecológico, social, cultural e econômico se inter-relacionam e se transformam num pro-

cesso dinâmico e contínuo, onde a passagem da quantidade à “qualidade” se dará em função de uma atividade turística planejada, que respeite os limites ambientais, os valores culturais e as estruturas sociais e ainda assim, seja viável economicamente numa perspectiva real de desenvolvimento sustentável.

Referências bibliográficas

- BOULLÓN, R. (2000). *Ecoturismo: sistemas naturales y urbanos*. 2. ed. Buenos Aires: Librerías Turísticas.
- _____. (1999). *Planificación del espacio turístico*. 3. ed. México: Trillas.
- BRANCO, S. M. (1997). *O meio ambiente em debate*. São Paulo: Moderna.
- CASASOLA, L. (2000). *Turismo y ambiente*. México: Trillas.
- DREW, D. (1994). *Processos interativos homem – meio ambiente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. (1991). *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- MOLINA, E. S. (2000). *Turismo y ecología*. 6. ed. México: Trillas.
- ODUM, E. P. (1985). *Ecología*. Rio de Janeiro: CBS – Interamericana.
- _____. (1997). *Fundamentos de ecología*. 5. ed. Lisboa: Fundação Caluste Gulbenkian.
- PENNA, C. G. (1999). *O estado do planeta: sociedade de consumo e degradação ambiental*. Rio de Janeiro: Record.
- PIRES, P. (1999). *Alternativas turísticas nos espaços naturais e rurais, impactos do turismo e capacidade de carga turística*. Apostila. Itajaí, S.C.: Universidade do Vale do Itajaí.
- PIRES, P. (2001). Interfaces ambientais do turismo. In: TRIGO, L. G. G. (Org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. Vol. 1. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, pp. 229/255.
- SWARBROOKE, J. (2000a). *Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental*. São Paulo: ALEPH.
- _____. (2000b). *Turismo sustentável: meio ambiente e economia*. São Paulo: ALEPH.
- _____. (2000c) *Turismo sustentável: setor público e cenários geográficos*. São Paulo: ALEPH.
- RUSCHMANN, D. (1997). *Turismo e planejamento sustentável. A Proteção do meio ambiente*. Campinas, SP: Papirus.